

Dos modelos à função crítica*¹

Marta Regina de Leão D'Agord*²
Rafael Cavalheiro*³
Rukaya Hasan*⁴

Na ciência, modelos podem ser analogias provindas de outros campos. A narrativa literária da vivência de desencontro com a própria imagem no espelho é uma metáfora da subjetivação como um processo a partir de uma alteridade que a precede. Se Lacan estabeleceu uma analogia com um experimento da óptica a fim de elaborar um modelo desse processo psíquico, a literatura, por sua vez, dispõe das metáforas que funcionam como modelos de fenômenos psíquicos devido à sua função crítica.

Palavras-chave: Psicanálise, literatura, modelo óptico, espelho

*¹ Este trabalho é resultado do projeto “Psicanálise e Literatura: estudo comparativo dos modelos”, realizado pelo Grupo de Pesquisa Laboratório de Psicanálise – Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre, RS, Br).

*² Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre, RS, Br).

*³ Estudante de Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre, RS, Br).

*⁴ Estudante de Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre, RS, Br).

Introdução

As ciências, e sobretudo as ciências em gestação como a nossa, frequentemente tomam emprestado modelos a outras ciências.

(Lacan, 1953-1954/1979, p. 91).

Models are expendable; theories are not.

(Bion, 1990, p. 25).

Em um processo de investigação científica, modelos costumam ser utilizados como analogias que podem provir do campo de outras ciências. Os modelos servem para teorizar, como destaca Bunge (1975), para quem a construção de um modelo teórico faz parte do processo de investigação científica e inclui a invenção de hipóteses e sua tradução em linguagem matemática. Nesse sentido, Granger (1994) indica o uso que se fez da topologia para postular propriedades formais de relações que não se traduzem na empiria; já o uso da estrutura de grafo serviria para representar fenômenos humanos como as relações de parentesco. Lembramos então do relato de Lévi-Strauss (2005) sobre a busca de modelos matemáticos para a elaboração das *As estruturas elementares do parentesco* (2009). Dada complexidade dos sistemas de parentesco, o antropólogo francês procurara um matemático. Se o primeiro matemático consultado não admitiu que fosse possível trabalhar matematicamente o sistema de casamento, o segundo matemático entendeu que não era necessário definir o casamento sob um ponto de vista matemático. O que interessava, para a formalização, eram as relações entre os casamentos. Eis a definição da função dos modelos: dar forma à estrutura de relações entre os elementos.

Por conseguinte, um modelo é uma ficção e um instrumento. Ficção, porque é uma criação que não tem existência, não é um referente. Instrumento, porque permite um modo de acesso ao real. Para acessar o Real podemos utilizar teorias ou modelos, ambos são construções, criações humanas. Assim, os modelos em psicopatologia seriam formas de ficcionar um Real ao qual não temos acesso.

A Psicopatologia Fundamental, segundo Pierre Fédida (1990), trabalha com modelos provenientes de distintas teorias. Portanto, no processo de modelização do funcionamento humano, a psicopatologia recebe influência de modelos elaborados nos diversos campos científicos. A meta da psicopatologia fundamental é submeter esses modelos à prova crítica, confrontando-os entre si (Fédida & Widlöcher, 1990; Fédida, 1998).

Marx & Hillix (1978) definem modelos como uma construção que funciona e que pode ser facilmente abandonada. É assim que Freud (1900) apresentava o aparelho psíquico, cuja forma provinha de analogias com outros campos da ciência, isto é, em comparação a um microscópio composto ou aparelho fotográfico. O modelo do aparelho psíquico (Freud, 1900/2012, p. 569) é apresentado na Figura 1.

154

A estrutura do aparelho psíquico surge a partir de dois modelos: a estrutura espacial de aparelhos ópticos, constituída de lentes que se justapõem uma a outra; e o aparelho do arco-reflexo. A estrutura do aparelho psíquico será subdividida em três sistemas: primeiro, um sistema frontal, a terminação sensível que recebe as percepções. Atrás desse se encontra um segundo sistema, o qual transforma a excitação do primeiro em traços duradouros (trata-se aqui do inconsciente), que podem conservar elementos do material cru das lembranças; enfim, na terminação motora encontra-se outro sistema, o qual abre as represas da motilidade. Essa descrição e desenho do aparelho psíquico é tratada como uma representação auxiliar, como os andaimes de uma construção.

O inconsciente está entre a terminação sensível e a motora, ou seja, em ruptura, em um “entre”. Destaca-se a ideia de inconsciente como outra cena, em lugar atemporal, em uma outra localidade, em um outro espaço. Como aponta Lacan (1985), “é preciso que apreendamos o inconsciente em sua experiência de ruptura entre percepção e consciência” (p. 58).

Desde os estudos freudianos, a literatura aparece como referência metodológica nos ensaios metapsicológicos. As formulações de Freud (1919) sobre o sentimento do inquietante (*unheimlich*) foram elaboradas a partir da análise de dois contos de E.T.A. Hoffmann. Ao lado dos modelos ópticos, teríamos também modelos literários?

Lacan: da metáfora do estádio do espelho ao modelo óptico

Ao formular a noção de Estádio do espelho como função exemplar que revela certas relações do sujeito com a própria imagem, enquanto forma primordial do Eu, Lacan (1998a) trabalhava com a função metafórica do espelho. Essa noção consistia na releitura de um experimento científico de observação de bebês. Lacan destacou,

daquele experimento, uma questão: por que os bebês se interessam pela sua própria imagem? Foi essa a pergunta que orientou a elaboração da concepção (teórica) de estádio do espelho. É quando consegue elaborar uma apresentação óptica do estádio do espelho que a constituição do sujeito obtém uma explicação, ou seja, a metáfora do estádio do espelho encontra as relações de homologia necessárias para fazer do modelo óptico um modelo para teorização.

Para essa elaboração, Lacan (1979) inicia pelo estudo da óptica, que se funda sobre uma teoria matemática, segundo a qual a todo ponto dado no espaço real corresponde um ponto, e só um num outro espaço, que é o espaço imaginário. É a hipótese estrutural fundamental (p. 93).

O “experimento do buquê invertido”(Figura 2) será a base de um modelo “para a relação entre o mundo imaginário e mundo real na economia psíquica” (Lacan, 1979, p. 95). Esse modelo permite diferenciar o espaço imaginário e o espaço real, os quais podem se confundir em alguns fenômenos físicos, como um arco-íris. Podemos ver o arco-íris, mas ele não está lá, mas um aparelho fotográfico pode registrar as imagens. Será que o psiquismo, também registraria? Essa é a analogia proposta por Freud (1900/2012):

O lugar psíquico corresponde então a um lugar no interior de um aparelho em que se forma um dos estágios prévios da imagem. No caso do microscópio e do telescópio, como se sabe, tais lugares são em parte lugares ideais, regiões em que não há nenhum componente palpável do aparelho. (p. 564)

A clareza de Freud quanto ao uso do modelo depreende-se do uso das seguintes adjetivações: lugares ideais, componentes não palpáveis. Freud insiste: “no fundo, não precisamos fazer a suposição de um arranjo realmente espacial dos sistemas psíquicos” (p. 564). O que Freud extraíra dos instrumentos ópticos para dar forma a seu aparelho psíquico era a estrutura matemática, mais especificamente, as leis da geometria, as quais Lacan (1953-1954/1979) explicitará:

Sabemos que um espelho esférico pode produzir, de um objeto situado no ponto de seu centro de curvatura, uma imagem que lhe é simétrica, mas sobre a qual o importante é que ela é uma imagem real (...) Em certas condições, essa imagem pode ser fitada pelo olho em sua realidade (...) É o caso da chamada ilusão do buquê invertido, que encontraremos descrita em *L'Optique et photométrie dites géométriques* de Bouasse. (Lacan, [1961]1966/1998b, p. 679)

Lacan introduz um elemento novo no experimento óptico de modo a elaborar um modelo teórico para “as relações do Eu Ideal com o Ideal do Eu” (p. 679). A montagem lacaniana que completará o aparelho será a introdução de um espelho plano (Figura 3).

É que as ligações que ali irão aparecer, à maneira analógica, relacionam-se claramente com estruturas (intra-) subjetivas como tais, representando a relação com o outro e permitindo distinguir nela a dupla incidência do imaginário e do simbólico. (Lacan, 1961/1998b, pp. 680-681)

Segue, então, a explicação do modelo óptico de Lacan.

1. O vaso invertido no interior da caixa e sua imagem real vêm a circundar com seu gargalo o buquê de flores já montado acima dele, o qual desempenhará, para o olho, o papel de suporte de acomodação necessário para que se produza a ilusão.
2. Para que um observador situado na borda espelho esférico veja sua imagem no espelho A, é necessário que sua própria imagem venha, no espaço real (ao qual corresponde ponto a ponto o espaço virtual gerado por um espelho plano), situar-se no interior do cone que delimita a possibilidade da ilusão [campo $x'y'$ na figura 3)].

Do modelo óptico à teoria psicanalítica

156 Eidelsztein (1992) extrai, da comparação entre o modelo freudiano e o modelo lacaniano, a diferenciação teórica entre um Eu objeto em Freud e um Eu imagem em Lacan. É em função dessa questão que se torna produtivo o uso da analogia com o experimento óptico em psicanálise. Em óptica, as imagens são de dois tipos: imagens reais e imagens virtuais. As *imagens reais* são as produzidas, por exemplo, por um espelho côncavo, ou seja, algo parecido à superfície interna e bem polida de uma esfera oca. Chamam-se imagens reais porque para o sujeito que percebe, elas se comportam como objetos e não como imagens, implicam uma ilusão óptica, isto é, o observador é enganado. As *imagens virtuais* são as imagens cotidianas produzidas por um espelho plano (de uso cotidiano) e não implicam ilusão óptica alguma, já que para o sujeito observador essas imagens se comportam como tais, ou seja, como imagens.

No modelo óptico,¹ a imagem especular (a imagem no espelho plano) serve como metáfora para indicar que o sujeito não se funda a si mesmo. Mas o Outro, cujo correspondente, no modelo óptico, é o espelho plano, é o mediador pelo qual o sujeito encontra sua “própria” imagem, porém é também o que separa o sujeito de sua imagem.

Em vez de autonomia, há alienação, ou seja, o sujeito se reconhece por meio de uma imagem que ele não é, e onde não está. Apesar da ilusão de se conhecer através do espelho, o eu só se (re)conhece no espelho como uma imagem alienada. Para a distinção entre eu e não eu será preciso que, virtualmente, eu me veja

¹ O leitor pode se reportar à figura 3.

projetado em $i'(a)$, com a possibilidade de me situar em $i(a)$, como origem da projeção. Por meio da forma $i(a)$, a minha imagem, minha presença no Outro, não tem resto. Se não tem resto, não consigo ver o que perco ali. “É esse o sentido do estádio do espelho” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 277).

Há um resto, no entanto, chamado de “a”, que não terá seu correspondente especular, representado metaforicamente pela alma, como veremos a seguir na análise dos contos “O espelho”. Esse resto produzirá a ilusão (x) que alimenta narcisicamente essa imagem não eu, $i'(a)$, da qual me aproprio e onde me reconheço. E o modelo óptico demonstra matematicamente esse conceito pois, simetricamente, a cada ponto em $i(a)$ corresponde um ponto em $i'(a)$. Soler (2012) nos chama a atenção para a forma escrita da imagem egoizável: $i(a)$, cujos parênteses indicam que há um vazio enquadrado em uma imagem.

Enquadrado o vazio, posso encontrar a imagem como minha, ela se torna narcísica, pois agora que a vejo através do Outro (na analogia com o espelho plano) ela é apenas virtual. Através do espelho plano, o eu se (re)conhece como uma imagem alienada; em vez de autonomia, há alienação, ou seja, o sujeito se reconhece através de uma imagem que ele não é, e onde não está (D’Agord et al., 2013, p. 483).

A seguir apresentamos um quadro resumo para visualizar a relação entre o experimento óptico da física e o modelo óptico elaborado por Lacan:

Noções de Óptica	Experimento Óptico	Modelo Óptico: a teorização
O objeto real ocultado	Buquê de flores invertido e oculto sob uma caixa	A origem da projeção: o eu não se conhece. O buquê de flores invertido: $i(a)$: a origem da projeção desconhecida do eu.
Imagem Real: aquela que aparece fora do espelho. É uma imagem que pode ser tomada por objeto.	O buquê de flores aparece ilusoriamente inserido no gargalo do vaso.	Corresponde ao que causa o desejo, pois é a origem da imagem ilusória que aparece no espelho plano.
Espelho Plano	A introdução, por Lacan, de uma modificação no experimento de Bouasse: o Espelho plano.	O Outro é comparado ao espelho plano. No estádio do espelho, o Outro era representado pelas palavras do adulto que segurava o bebê no colo na frente de um espelho.

Imagem Virtual: Imagem puramente subjetiva.	O vaso invertido é refletido pelo espelho côncavo e visto em posição normal no espelho plano.	A função de criar imagem i'(a) da qual me aproprio e onde me reconheço, a imagem investida narcisicamente: Imaginário.
--	---	--

O espelho na Literatura

As obras homônimas, “O espelho” (1882) de Machado de Assis (1839-1908) e “O espelho” (1962) de Guimarães Rosa (1908-1967) abordam o tema “espelho” como metáfora para a constituição da imagem de si a partir do olhar do outro. Ambos os contos trabalham a questão do esvaziamento da própria imagem quando essa alteridade existencial desaparece (em Machado de Assis) ou quando é extraída com a finalidade de controle em uma experiência científica (em Guimarães Rosa).

No conto de Machado de Assis, o espelho é uma figura para a demonstração da teoria da alma: uma metáfora apresentada pelo personagem-narrador Jacobina. Portanto, o espelho faz parte da ficção dentro da ficção. No conto de Guimarães Rosa, o narrador utiliza o espelho em uma investigação em busca de si. Entretanto, o foco em si, como objeto, impede a consideração ao subjetivo.

Temos, portanto, dois narradores, um, o Jacobina de Machado de Assis, que, por valorizar o que viveu, criou uma teoria para explicar um acontecimento psicológico: aos 25 anos ele vivera uma despersonalização ao não poder captar momentaneamente a sua própria imagem no espelho: sensação de que a sua imagem no espelho havia se tornado vaga por decomposição dos contornos. Já o narrador de Guimarães Rosa relata um experimento de investigação sobre si, mas sem relacionar as suas vivências pessoais com sua atividade científica de investigação. Assim, o narrador relata que “estava amando”, mas não reconhece nesse sentimento as condições para acessar a alma. Eis a função crítica sob a forma da ironia.

A dissimetria entre a alma exterior e a alma interior

“Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro” (Machado de Assis, 1882/1998, p. 28). Onde se encontrariam essas duas almas que caminham em sentidos contrários? Seria na superfície plana de um espelho? A seguir sintetizamos a teoria da alma apresentada pelo personagem Jacobina: a alma que olha de dentro para fora é

a primeira. A alma exterior é a que olha de fora para dentro. Pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto. Muda de natureza e de estado. O narrador Jacobina agrega seu testemunho como recurso retórico para convencer seu público de sua teoria: “Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas” (p. 29). “O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra” (p. 32).

O testemunho de Jacobina seria um apólogo que ensinaria a diferenciar a essência do ilusório? No entanto, o tema da alma dividida não poderia ser considerado como universal? O que nos chama a atenção é a seguinte observação de Jacobina: “E casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira.” Em relação ao conceito de constituição do sujeito, enquanto contribuição lacaniana à teoria psicanalítica, podemos trabalhar essa perda sob dois aspectos.

Em primeiro lugar, a constituição subjetiva como dependente da relação ao Outro como tesouro dos significantes. Assim, o sujeito convocado ao lugar do Outro (o espelho plano) pode se reconhecer, isto é, ver a si mesmo aparecer no campo do Outro, mas essa relação é dissimétrica e não recíproca. Se o sujeito encontra no Outro a reciprocidade e a simetria, está tomando o Outro pelo outro. Nesses casos, a fala do outro pode tomar a forma de uma injunção, isto é, uma convocação supergoica em vez de uma convocação simbólica.

Em segundo lugar, o tema da perda é trabalhado por Lacan (1964/1985) no contexto de uma alienação constitutiva comparada à operação de disjunção inclusiva, uma forma de operação lógica que se sustenta na forma lógica da reunião (união). Ou seja, um operador lógico chamado de “ou inclusivo” (vel) que se comporta como um operador de união. O dilema: “A bolsa ou a vida” foi utilizado como ilustração. Nesse dilema, há um elemento que, se escolhido, trará por consequência um “*nem um, nem outro*” (p. 200). Tal elemento seria a bolsa, pois se escolhida, perde-se a vida e, logo, também a bolsa. Escolhendo-se a vida, perde-se a bolsa e fica-se com uma vida privada da bolsa. Assim, a escolha é resumida a manter ou não a vida.

Comparamos a alma exterior, do conto de Machado de Assis, à vida, do dilema acima. Assim, aqueles casos nos quais a perda da alma exterior implica a perda da existência inteira, ou seja, sem a alma exterior não haveria existência. Sem o Outro, sem o espelho plano, que vida haveria? Existir é ser reconhecido a partir da mediação simbólica. Esta é a alienação constitutiva do sujeito: a ideia de que a imagem do eu se forma a partir da imagem do outro, ou seja, da antecipação da totalidade, a imagem sempre estará à frente do próprio sujeito — eu sei que não estou ali, mas essa imagem me representa.

A ciência sem consciência

Em *O espelho* de Guimarães Rosa (1962/2005), o narrador dirige-se ao leitor para dar o testemunho de uma experiência científica de busca de si mesmo. Desse relato, o leitor capta a ironia do autor em relação à neutralidade científica. Destacamos a seguir três momentos:

Primeiro, o narrador situa dois campos antagonicos: “Saiba que eu perseguia uma realidade experimental, não uma hipótese imaginária” (p. 117). Há um jogo de inversões com os pares significantes, pois o método científico usa “a hipótese experimental” como uma ficção, como componente central de um modelo. Uma “realidade experimental” seria um paradoxo, pois a pesquisa, o experimento, é meio e não finalidade. O sujeito buscaria conhecer a si mesmo como se o conhecimento de si fosse uma realidade e não uma ficção. Como se pudesse experimentar o si mesmo e esse experimento não fosse imaginário. Logo, o si mesmo é um outro. Na ficção experimental, o experimento é um “modelo” da situação “real”, mas não é realidade.

160 No segundo momento, o narrador relata que prosseguiu seu experimento eliminando tudo o que fosse contingente, ilusório, imaginário, hereditário, as paixões manifestas ou latentes. Até que um dia: “simplesmente lhe digo que me olhei no espelho e não me vi” (p. 118). Quando descarta todo o ilusório, chega a um “transparente contemplador”, mas a transparência não se deixa ver, por isso, olha sem ver. Ao tentar acessar um deles, se perde o outro. Ou transparência ou imaginário. Magno (1985) compara a objetividade não especularizável, por isso transparente, ao conceito de *caput mortuum*: que era como os antigos nomeavam o resíduo inútil que sobrava de um experimento alquímico.

Em um terceiro momento, o narrador apresenta um acontecimento posterior ao experimento, um só-depois (*après-coup*). “Mais tarde, anos, (...) o espelho mostrou-me... perdoe-me o detalhe, eu já amava”. Quando o narrador traz uma lembrança pessoal, tratada como algo fortuito. Um detalhe, o “eu já amava” é referido sem que seja estabelecida relação com o experimento. Para o narrador, trata-se de uma separação entre os estados da alma e a atividade experimental. Contudo, o autor, Guimarães Rosa, convida o leitor a pensar que sim, há uma relação, o amor produz efeitos no experimento, por mais que o cientista não admita. Guimarães Rosa estaria questionando a ciência sem consciência? Referimo-nos ao aforismo “ciência sem consciência é a ruína da alma” (de Rabelais) citado por Lacan (1973-1974) para destacar que a própria ciência é sem consciência.

Não fazemos ciência sem ficções

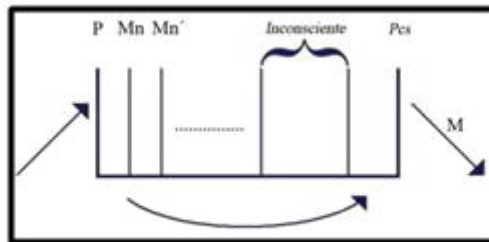
O esvaziamento da imagem de si pela opacificação do espelho em um experimento científico em Guimarães Rosa, ou pela falta de uma fala no outro em Machado de Assis, encontra-se com a leitura psicanalítica da relação do sujeito com sua imagem. A alma seria como um impossível de ser conhecido, pois quando estamos na posição de olhar, não somos vistos e, quando somos vistos, não somos quem olha. O que é chamado de alma enquanto nada (o que o espelho não reflete em Guimarães Rosa), ausência de reflexo pela falta da alma exterior (em Machado de Assis), poderia ser então comparado ao objeto “a”? O que equivaleria, como articula Abreu (2009), “ao encontro com o estranho em cada um de nós” (p. 169).

Propomos, então, uma comparação entre esse estranho e a imagem real no modelo óptico de Lacan. Uma, a imagem real, provém de um modelo tomado de empréstimo à ciência, outro, o sentimento do estranho, é metáfora, e ambos convergem para a conceituação de objeto “a”. Para conceber um conceito que não tem um correspondente empírico, a ilusão óptica e a metáfora literária são modelos fundamentais.

A ciência não é isenta da ficção e a ficção não é isenta da ciência. Como vimos com o modelo óptico de Lacan, um modelo é uma ficção produtiva para a teoria psicanalítica. Assim como os modelos são ficções científicas, as metáforas científicas podem ser produtivas na literatura, como atesta a nossa leitura do conto de Guimarães Rosa.

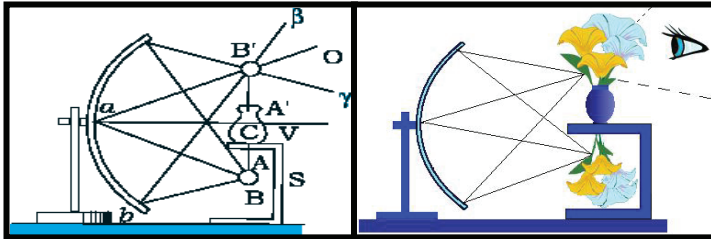
161

Figura 1 – O modelo do aparelho psíquico



Créditos da imagem: Freud (1900a/2012), *A interpretação dos sonhos*, p. 569

Figura 2 – O “Experimento óptico” de Bouasse



Créditos da imagem:

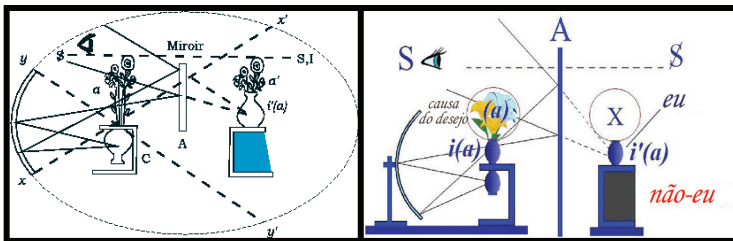
À esquerda, “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (Lacan, 1998b, p. 680).

À direita, uma versão extraída de Lacan (s/d) Seminário 1, Lição de 24 de fevereiro de 1954.

Recuperado em 20/11/2013 de <www.staferla.free.fr>

162

Figura 3 – A figura 3 apresenta a montagem do modelo óptico introduzida por Lacan



Créditos da imagem:

À esquerda, “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (Lacan, 1998b, p. 682).

À direita, uma versão extraída de Lacan (s/d). *Séminaire 10, L’Angoisse* (1962-1963), Lição de 23 de janeiro de 1963.

Recuperado em 20/11/2013 de <www.staferla.free.fr> A tradução é nossa.

Referências

- Abreu, D. N. (2009). Os destinos dos reflexos: do sintoma ao *sinthome*, de Machado a Guimarães. In M.M. de Lima, & M.A.C. Jorge (Orgs.), *Saber fazer com o Real: diálogos entre psicanálise e arte* (pp. 163-174). Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Bion, W.R. (1990). *Bion's Brazilian Lectures*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1974).
- Bunge, M. (1975). *La ciencia, su método y su filosofía*. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte.
- D'Agord, M.R. de L.; Barbosa, M.R.O.; Hasan, R., & Neves, R.C. (2013, set.). O duplo como fenômeno psíquico. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 16(3), 475-488.
- Eidelsztein, A. (1992). *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan*. Buenos Aires: Manantial.
- Fédida, P. (1998, set.). De uma psicopatologia geral a uma psicopatologia fundamental. Nota sobre a noção de paradigma. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 1(3), 107-121.
- Fédida, P., & Widlöcher, D. (1990). *Présentation*. *Revue Internationale de Psychopathologie*, 1(1), 3-4.
- Freud, S. (2010). O inquietante. In *Obras Completas* (Vol. 14, pp. 328-376). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2012). *A interpretação dos sonhos*. Vol. II. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1900).
- Granger, G.G. (1994). *A ciência e as ciências*. São Paulo: Editora UNESP.
- Guimarães Rosa, J. (2005). O espelho. In *Primeiras estórias* (pp. 113-120). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1962).
- Lacan, J. (1979). *O seminário. Livro I. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954).
- Lacan, J. (1985). *O seminário. Livro II. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1998a). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em [1949]1966).
- Lacan, J. (1998b). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade. In *Escritos* (pp. 653-691). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em [1961]1966).
- Lacan, J. (2005). *O seminário. Livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (s/d.). *Le séminaire. Livre 1. Les écrits techniques de Freud – 1953-1954*. Recuperado em 20/11/2013 de <www.staferla.free.fr>.
- Lacan, J. (s/d.). *Le séminaire. Livre 10. L'Angoisse – 1962-1963*. Recuperado em 20/11/2013 de <www.staferla.free.fr>.

- Lacan, J. (s/d.). *Le séminaire. Livre 21. Les non dupes errent – 1973-1974*. Recuperado em 20/11/2013 de <www.staferla.free.fr>.
- Lévi-Strauss, C. (2005). *De perto e de longe*. São Paulo: Cosac Naify.
- Lévi-Strauss, C. (2009). *As estruturas elementares do parentesco* (5ª ed.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1949).
- Machado de Assis, J. M. (1998). O espelho. In *Contos* (pp. 26-39). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1882).
- Magno, M.D. (1985). *Rosa Rosae*. Rio de Janeiro: Editora Aoutra.
- Marx, M. H., & Hillix, W. A. (1978). *Sistemas e teorias em psicologia*. São Paulo: Cultrix.
- Soler, C. (2012). *Declinações da angústia*. São Paulo: Escuta.

Resumos

(From models to critical function)

164 *In science, models can be built based on analogies from other fields. The literary narrative of the non-identification with one's own image in the mirror is a metaphor of subjectivation, in terms of a process starting from an otherness preceding it. If Lacan established an analogy with an optical experiment, devising a psychoanalytical model for that psychic process, literature, in turn, provides the metaphors that serve as models for psychic phenomena due to their critical function.*

Keywords: Psychoanalysis, literature, optical model, mirror

(Des modèles à la fonction critique)

En sciences, les modèles peuvent être construits à partir d'analogies provenant d'autres domaines. Le récit littéraire sur l'expérience du manque d'identification avec sa propre image que l'on voit dans le miroir est une métaphore de la subjectivation comme processus à partir d'une altérité qui la précède. Si Lacan a établi une analogie avec une expérience d'optique pour l'élaboration d'un modèle de ce processus psychique, la littérature, à son tour, fournit des métaphores qui servent de modèles pour les phénomènes psychiques en raison de leur fonction critique.

Mots clés: Psychanalyse, littérature, modèle optique, miroir

(De los modelos a la función crítica)

En ciencias, los modelos pueden ser analogías provenientes de otros campos. La narrativa literaria de la vivencia de la discrepancia con la propia imagen en el espejo es una metáfora de la subjetivación como un proceso desde una alteridad que la precede. Si Lacan estableció una analogía con un experimento óptico con el fin de desarrollar un modelo de este proceso psíquico, la literatura, a su vez, proporciona metáforas que

serven como modelos de los fenómenos psíquicos debido a su función crítica.

Palabras clave: Psicoanálisis, literatura, modelo óptico, espejo

(Von Modellen zur kritischen Funktion)

In der Wissenschaft können Modelle aufgrund von Analogien entwickelt werden, die aus anderen Wissensbereichen stammen. Die literarische Erzählung der Erfahrung der Nicht-identifizierung mit dem eigenen Bild im Spiegel ist eine Metapher der Subjektivierung als Prozess, die von einer Andersartigkeit ausgeht, die dieser Subjektivierung vorausgeht. Lacan wählte z. B. eine Analogie mit einem optischen Experiment, um das psychoanalytische Modell für diesen psychischen Prozess zu entwickeln. Die Literatur wiederum verfügt über Metaphern die aufgrund ihrer kritischen Funktion als Modelle für psychische Phänomene benutzt werden können.

Schlüsselwörter: Psychoanalyse, Literatur, Optisches Modell, Spiegel

Citação/Citation: D'Agord, M.R.de L., Cavalheiro, R., & Hasan, R. (2015, março). Dos modelos à função crítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 18(1), 152-166.

Editor do artigo/Editor: vários

Recebido/Received: 24.1.2014/ 1.24.2014 **Aceito/Accepted:** 19.3.2014 / 3.19.2014

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

Financiamento/Funding: Este trabalho faz parte do Projeto “Desenvolvimento Metodológico em Psicanálise”, financiado pelo Edital 14/2012 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq / This work is part of the project “Methodology Development

in Psychoanalysis”, funded by the Notice 14/2012 of the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Conflito de interesses/Conflict of interest: Os autores declaram que não há conflito de interesses / The authors have no conflict of interest to declare.

166

MARTA REGINA DE LEÃO D’AGORD

Psicóloga; Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre, RS, Br); Bolsista Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Brasília, DF, Br); Professor Associado do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia; Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre, RS, Br)
Rua Riveira, 600
90670-160 Porto Alegre, RS, Br
e-mail: mdagord@terra.com.br

RAFAEL CAVALHEIRO

Graduando de Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre, RS, Br).
Rua Pinto Bandeira, 498/21
90030-150 Porto Alegre, RS, Br
e-mail: rafaelatler@gmail.com

RUKAYA HASAN

Graduanda de Psicologia, bolsista de Iniciação Científica, BIC-Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre, RS, Br).
Rua Santana, 1670/203
90040-371 Porto Alegre, RS, Br
e-mail: rukaya_hasan@yahoo.com.br